



6º SIMPÓSIO
INTERNACIONAL DE
CIBERJORNALISMO

Performance em Ciberjornalismo:
tecnologia, inovação e eficiência

Performance in cyberjournalism: technology, innovation and efficiency

1 a 3 de junho/2015 na UFMS
em Campo Grande-MS - Brasil

Narrativas transversais nas redes sociais digitais: o impacto no discurso jornalístico

Mirian A. Meliani Nunes¹

Resumo: A partir de narrativas construídas em torno do discurso de três jovens atores sociais, em perfis mantidos nas redes sociais digitais, desenvolvemos a análise dos processos de comunicação nesses ambientes e a repercussão em diferentes espaços midiáticos. Relevantes, de alto impacto e com grande volume de respostas, tais processos transformaram esses jovens não-jornalistas em fenômenos da comunicação digital brasileira, capazes de proporcionar uma leitura específica das características da comunicação e mediação em plataformas digitais de redes sociais. Eles assumiram a tarefa de informar suas comunidades, construindo discursos baseados na localidade, e o fizeram a partir de um ponto de vista de quem está no centro da ação e não como observador externo, proporcionando reflexões sobre o exercício do jornalismo nas novas plataformas digitais.

Palavras-chave: Redes Sociais Digitais. Juventude e Cibercultura. Comunicação Mediada por Computador. Ciberjornalismo.

¹ Mestre e doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Criação nas Mídias - CNPq, jornalista pela PUC/SP e bacharel em História pela FFLCH/USP. Email: mimeliani@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

De que forma a comunicação baseada nas Redes Sociais Digitais (RSD) vem gerando impacto nos demais ambientes midiáticos? Quais as características dos discursos construídos nas redes? Para saber mais sobre o contexto da comunicação digital brasileira, no âmbito da significativa aderência do público às plataformas Facebook e Twitter, desenvolvemos nosso estudo em torno de três casos de forte repercussão. As histórias de Rene Silva, Isadora Faber e Enderson Araújo foram destacadas em meio ao enorme fluxo de discursos construídos nas RSD.

Quais razões nos levaram a escolher a trajetória desses jovens para melhor compreender tal complexidade? Em primeiro lugar, o alcance que seus enunciados atingiram, mas também a possibilidade que tiveram de erigir uma persona pública, com potencial de interferir tanto no ambiente específico das redes digitais, como em suas localidades de origem e nos demais ambientes midiáticos, uma vez que seus relatos reverberaram em inúmeros veículos de *mass media*, nacionais e internacionais. De nosso ponto de vista, essa análise permite não apenas entender parte do *modus operandi* das redes sociais digitais, como também avaliar de que forma os perfis desenhados por esses atores no ciberespaço responderam a anseios e necessidades, o que explicaria a forte reação que alcançaram em curto espaço de tempo.

No cruzamento da trajetória dos três jovens comunicadores, percebemos o quanto suas histórias dialogam e indicam modos peculiares de apropriar-se das redes digitais e de interferir no aparato social e cultural do qual cada um faz parte.

Rene Silva² é um jovem morador do Complexo do Alemão, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Ele alcançou notoriedade nas redes sociais digitais, aos 17 anos, ao narrar, pelo Twitter, no final de 2010, a ocupação do Morro do Alemão pelas tropas de

² Blog de Rene Silva. In: <http://rensilvasantos.blogspot.com.br/2011/11/linha-do-tempo-o-crescimento-do-voz-da.html>. Acesso realizado em 30/04/2015.

pacificação do Exército e da polícia do Rio de Janeiro. Já possuía o projeto Voz da Comunidade, que incluía página no Facebook, perfil no Twitter e jornal comunitário impresso, todos com alcance limitado. A partir da ocupação, sua história foi escolhida para ser narrada por grandes jornais, revistas, telejornais e por representantes da indústria midiática nas mais variadas formas. Tornou-se personagem, ator e consultor da novela “Salve Jorge”, exibida pela Rede Globo de Televisão, exibida de 22 de outubro de 2012 a 17 de maio de 2013. Ganhou inúmeros prêmios e foi palestrante em Harvard, entre outras distinções.

Isadora Faber é uma adolescente que vive em Florianópolis, Santa Catarina. Ela criou o seu Diário de Classe³ como uma página do Facebook, em 2012, inspirada na blogueira escocesa Martha Payne⁴. Seu desejo era denunciar as deficiências da escola municipal que frequentava nos anos finais do ensino fundamental. Imaginava chegar a cerca de cem acessos, provavelmente de pessoas da comunidade escolar: alunos, pais e professores. O resultado foi o oposto do que imaginava, com fortes reações contrárias dentro da escola e milhares de acessos inesperados de pessoas sem nenhuma relação direta com a escola em questão. Assim como Rene Silva, Isadora foi reconhecida como uma liderança jovem emergente e chegou a ser apontada em lista dos “25 brasileiros que devem ser observados”, elaborada pelo jornal inglês Financial Times no início de 2013.

Enderson Araújo é morador de Salvador, Bahia, no bairro de Sussuarana. Trabalhava na limpeza de canteiros da cidade quando conheceu representantes do Instituto Mídia Étnica, onde fez cursos de comunicação. Criou o Mídia Periférica⁵, presente em diferentes páginas nas redes, que produz e compartilha conteúdos comunicacionais com o objetivo de se contrapor à imagem das periferias disseminada por jornais sensacionalistas de Salvador.

³ Diário de Classe no Facebook. In: <https://www.facebook.com/DiariodeClasseSC?fref=ts> . Acesso realizado em 30/04/2015.

⁴ Blog de Martha Payne. In: <http://neverseconds.blogspot.com.br/> . Acesso realizado em 30/04/2015.

⁵ Mídia Periférica no Facebook. In: <https://www.facebook.com/midia.periferica/info> . Acesso realizado em 30/04/2015.

Enderson foi um dos 10 premiados na edição 2012 do Prêmio Laureate Brasil, cujo objetivo é reconhecer jovens empreendedores sociais que promovam mudanças significativas nas comunidades em que atuam, além de outros reconhecimentos institucionais.

A localidade em que esses jovens vivem revelou-se parte essencial da contextualização, tornando-se, por vezes, uma presença discursiva tão ou mais forte que o enunciado em si mesmo. Assim, a questão da cidade e, mais especificamente, da comunidade, deu sustentação ao entendimento dos fenômenos digitais e midiáticos que perpassam a trajetória dos casos estudados.

As dinâmicas comunicacionais geradas nas plataformas digitais de relacionamento mostraram-se especialmente capazes de gerar tensionamento entre o acúmulo de popularidade/poder/visibilidade e o modo como o capital social é utilizado em diferentes territorialidades⁶. Os modos de controle exercido dentro das redes sociais digitais adquirem a característica da pulverização, com os chamados amigos, seguidores e fãs, ou seja, as pessoas que fazem parte da rede pessoal desses atores, exercendo vigilância constante e avaliando o grau de coerência e transparência das personas públicas que “seguem” e “admiram”.

Assim, papéis que começam a ser exercidos no âmbito da construção pessoal da identidade, tornam-se maiores do que os indivíduos que atuam efetivamente. A persona pública transforma-se em imposição e passa a interferir, inclusive, na maneira como a comunicação ganha corpo em discursos e enunciados sobre temas polêmicos e geradores de grande repercussão. Uma equação difícil de ser resolvida, que demonstra parte das contradições presentes nas dinâmicas das redes sociais digitais.

⁶ Capital social, aqui, é utilizado no sentido que lhe dá Raquel Recuero (2011), cruzando conceitos de Putnam, Bourdieu e Coleman.

2. Espaço de controle

A maneira como as redes sociais digitais se prestam ao que Foucault estabeleceu como biopolítica ou biopoder e que, mais tarde, foi separado e reelaborado por Negri, pode ser analisada de diferentes formas, muitas delas cumulativas e não-excludentes. Os biopoderes, cuja principal característica é a capacidade de se ocupar da vida em todas as suas manifestações, ampliando o espaço de controle institucional, manifestam-se nas redes sociais de maneira muito intensa. Há uma grande narrativa que os atores são levados a construir, por meio de estímulos e enunciados como “O que você está pensando?” ou “O que você está fazendo?”, além de botões de “curtir”, “comentar” e “compartilhar”, que expressam a aceitação do grupo em torno de um conteúdo. A extensão do poder de difusão de uma opinião ou posição, molda, positiva ou negativamente, as escolhas de novos enunciados.

Para além disso, a publicação constante de fatos e imagens do próprio cotidiano modela tanto o desenho da “persona” individual nas redes sociais, com filtros e auto-curadoria que requer sofisticada percepção da imagem que se deseja transmitir, quanto a própria adoção de hábitos e valores compartilhados por todos ou “por aqueles que importam”. Por isso, o botão “curtir” cumpre uma função importante e denota o grau de aceitação do grupo ao enunciado (ou ao enunciador, quando este se sobrepõe ao próprio discurso). Entre 2012 e 2013, a plataforma Twitter também adotou esse botão.



Fig. 1: Recorte de tela do Facebook, em que se pode observar a pergunta atual que movimenta a publicação de “status”: “O que você deseja compartilhar?”, que substituiu a anterior “No que você está pensando?”.



Fig. 2: Recorte de tela do Facebook, em que se pode observar os botões de “curtir”, “comentar” e “compartilhar”.

É certo e paradoxal constatar, simultaneamente, que a apropriação realizada por aqueles que percebem tais aparatos ou, mesmo instintivamente, simplesmente adotam os mais diversos expedientes para ridicularizá-los, ignorá-los ou utilizar o que trazem de potência em si, acaba por transformar mesmo esses ambientes digitais de elevada vigilância e controle em espaços onde é possível traçar linhas de fuga.

Para o sociólogo e pesquisador Sergio Amadeu da Silveira, a compreensão da comunicação em rede exige o olhar atento à sua arquitetura, incluindo protocolos e topologia. “Protocolos são regras que definem como os dados serão organizados, transferidos, armazenados, enfim, definem todas as regras de comunicação entre os elementos que participam da rede. A topologia é o desenho da rede, ou seja, como os pontos e nós estão estruturados.” (SILVEIRA, 2009, p. 73) A ideia de que o protocolo é, por excelência, a forma como se exerce o controle nas redes digitais é proposta por Galloway (2004, p.3), que acredita que a internet oferece o ambiente ideal para a sociedade de controle, tal como definida por Foucault e sistematizada por Deleuze. Esse poder exercido pelos protocolos seria ainda mais eficiente na medida em que se impõe dentro de padrões rizomáticos, policêntricos, múltiplos e não-hierárquicos.

Ao definir a corporeidade e a territorialidade das redes sociais que se abrigam nessas duas plataformas, o caráter simultâneo de ágora (no sentido de encontro público) e de divã (no sentido de construção de subjetividades e identidades individuais) impulsiona no espaço comunicacional um significado contraditório e enriquecedor, que dialoga com a definição de Guattari e Deleuze (GUATTARI, 1986) para a chamada micropolítica, em que esta pode ser entendida como a confluência entre o âmbito psicológico, inconsciente e imperativo do desejo, e o discurso consciente presente na prática política.

Por outro lado, é possível identificar as contradições, o momento em que a sedução de tornar-se distinto dos demais e de aumentar a visibilidade a ponto de transformá-la em notoriedade, impõe-se como busca preponderante e os torna atores destacados na construção de uma narrativa de heróis juvenis, de modelos de juventude, impondo a hierarquia e a verticalidade em seus discursos. Quais são as pressões, os estriamentos, as ameaças efetivas que sofrem? Assumem, em dado momento, o papel desenvolvido nos *mass media* pelos “enunciadores das máquinas comunicacionais” (PRADO, 2013, p. 30), disseminando discursos convocatórios do ponto de vista biopolítico, tal como definido por Foucault?

Como afirma Wellman, o Facebook, além de conectar pessoas a seus amigos, conecta também cidades e continentes. Isso resulta em uma sobreposição que ele define como a “união da globalização e da localização, o glocal”. Da mesma forma, ressalta como é comum utilizar o Twitter para conversar com interlocutores com quem seria possível falar pessoalmente (WELLMAN, 2013) ⁷. Tudo isso cria novas formas de sociabilidade, apontando para a ascensão do que ele chama de “individualismo conectado”, em que os indivíduos organizam-se nas redes sociais a partir de conexões isoladas e não mais baseadas em grupos, como foi predominante nos primórdios da comunicação baseada na internet. Isso seria uma derivação da inter-relação entre a vida cotidiana e a vida digital, cada vez mais convergentes. Para o autor, longe de configurar um aspecto negativo do desenvolvimento

⁷ Digitizing Ozimandias, in: <http://networked.pewinternet.org/2013/01/22/digitizing-ozymandias/> Acesso realizado em 15/04/2014.

das redes, essa configuração permite múltiplas conexões proveitosas, principalmente com pessoas cujos laços são mais distantes e que, portanto, possuem características pessoais diferentes e podem oferecer maior grau de aprendizado, troca de informações e acúmulo de capital social. Ao contrário, quando concentradas em grupos fechados, as relações seriam mais padronizadas e auto-referentes (WELLMAN, 2008).⁸

Nestes estudos de casos, percebemos que há uma tensão entre as páginas de comunidade (ou fanpages) mantidas por grupos, com colaboração de outras pessoas, como a Voz da Comunidade, de Rene Silva, e a Mídia Periférica, de Enderson Araújo, e a forte centralização em torno das personas públicas dos dois atores. Eles são apresentados, inclusive, como editores-chefes dessas páginas, que se tornaram, por sua vez, sites midiáticos, com uma estrutura hierárquica próxima do mundo profissional. No caso de Isadora, a construção identitária individual é a base tanto para a página pessoal quanto para o Diário de Classe, escrito, segundo declarado, apenas por ela.

Nosso estudo concentrou-se em duas plataformas digitais de redes de relacionamento com grande taxa de adesão no Brasil, Facebook e Twitter, e com usos complementares. A primeira assumiu a dianteira no ranking de utilização nacional e internacional, principalmente por oferecer um grande leque de opções de interação, a partir de uma lógica simples e capaz de “conduzir” as comunicações de um determinado usuário por um caminho em que os demais são capazes de acompanhar e interferir. O resultado é a visualização de um discurso coletivo aparentemente infinito, mas em que é possível recortar enunciados individuais ou de grupos com interesses específicos. O Twitter, por sua vez, ao limitar as manifestações textuais aos 140 caracteres, ganhou características muito específicas, geralmente como uma espécie de grande “noticioso”, com chamadas curtas que vão se desenvolver em outros espaços digitais, atingindo um número de usuários menor, mas considerado de alto impacto pelo poder de disseminação de enunciados.

⁸ “The Strength of Internet Ties”, in: <http://www.pewinternet.org/2006/01/25/the-strength-of-internet-ties/>
Acesso realizado em 15/04/2014.

A presença de mecanismos de controle, que impõem determinada ordem e sentido, faz parte da genealogia desses dois sites de redes. O acesso irrestrito e o desrespeito à privacidade dos dados de usuários, praticados pelas corporações controladoras das duas redes em questão são fonte de algumas das discussões mais radicais da comunicação digital.

Governos centralizadores ou que se julgam em guerra contra inimigos diversos tendem a pressionar tais corporações para obter informação privilegiada e costumam ser bem sucedidos. Cabe, portanto, reiterar a não-neutralidade das plataformas em questão, criadas, mapeadas e/ou posteriormente organizadas por grandes corporações a partir de interesses comerciais.

Sua formatação tenta estabelecer os limites de ação de cada usuário, o que nem sempre conseguem. A partir da constatação do acesso privilegiado aos dados e registros de enunciados de cidadãos, empresas e instituições diversas, concedido não apenas a corporações, mas até mesmo a governos constituídos democraticamente, é possível afirmar que as redes sociais digitais operam, também, no âmbito da vigilância (FOUCAULT, 1989). Além de usar registros de ações individuais para impulsionar e direcionar ao público os objetos de consumo adequados ao desejo específico do usuário, a informação é utilizada até mesmo por governos e agências de espionagem para mapear possibilidades de insurreição, terrorismo e tudo quanto possa ser considerado potencialmente “perigoso”.

Claramente, as duas plataformas digitais de redes sociais tentam capturar a totalidade dos discursos e enunciados de seus usuários, construindo uma imensa narrativa da vida cotidiana, impondo também a forma como tais enunciados devem ser transmitidos, moldando uma boa parcela do conteúdo compartilhado em seus espaços delimitados.

Mas, ainda assim, a transversalidade própria do ambiente digital, baseada em um tipo de organização não-hierárquica, oferece um esgarçamento dessas imposições e o agenciamento praticado por essas redes sociais digitais pode ganhar outros contornos, gerando a ressignificação não apenas de enunciados isolados, mas de sua própria narrativa global.

Algo assim pôde ser percebido em movimentos de caráter muito semelhante e que se espalharam ao longo dos primeiros anos da segunda década do século 21 por diferentes pontos do planeta, tendo como uma de suas semelhanças a organização por meio do uso das redes sociais digitais. Tidos como manifestações de tipo viral, que começam localizadas e ganham força surpreendente por meio da propagação de atos convocatórios, principalmente nas redes Facebook e Twitter, a Primavera Árabe, o Occupy Wall St., os Indignados, na Espanha, e a Revolta da Praça Taksim, na Turquia, guardam similaridades com os Protestos de Junho de 2013 no Brasil.

Esse discurso coletivo impôs-se, durante a vigência das insurgências citadas, como uma nova narrativa que tomou conta das redes sociais digitais. Em lugar de postar fotos ou comentários de seus cotidianos, as pessoas emitiam opiniões, debatiam, alinhavam-se ou divergiam dos manifestantes, expressavam seus descontentamentos, sua (des)informação, mostrando a multiplicidade de posicionamentos possíveis em torno de um tema comum que se propagou de maneira aparentemente espontânea, em um agenciamento capaz de construir, excepcionalmente, um território comum para o exercício de uma determinada coletividade.

Assim, na construção dessa narrativa nas redes, o cotidiano saiu dos relatos individuais isolados e tomou conta das ruas, como um fluxo de transbordamento de desejos, insatisfações, demandas e construção de afinidades grupais.

3 MUITOS LADOS NA MESMA NOTÍCIA

Restritivas e com regras limitadoras ao tipo de discurso a ser compartilhado, seja ele composto de texto verbal, imagens fotográficas, ilustrações ou vídeos, estes últimos geralmente publicados preliminarmente em outra plataforma social popular, o Youtube, as redes sociais digitais ganharam poder e autonomia, com estatutos de conduta próprios, capazes, muitas vezes, de se impor diante de estados nacionais constituídos.

Nesse sentido, vale lembrar Negri e Hardt, quando apontam o poder acumulado pelas corporações da comunicação, na perspectiva do biopoder. Em *Império*, Negri e Hardt

usam Foucault para falar sobre a passagem da sociedade disciplinadora para a sociedade do controle, marcadamente no limiar da pós-modernidade. Porém, os autores acreditam ser necessário definir o potencial da produção biopolítica, passando por Deleuze e Guattari, mas indo além, no sentido de configurar uma ação política capaz de estabelecer rotas de fuga. Ao estabelecer as corporações da comunicação como espaços privilegiados do funcionamento do biopoder, estabelecem a emergência da comunicação em rede para uma nova configuração de forças no âmbito da biopolítica. Dentro de um sistema de vigilância que é ao mesmo tempo fundador e resultado da sociedade de controle, pós-disciplinar, as redes digitais de comunicação assumem papel paradigmático na “pós-modernidade”.

Tornam-se palco de embates com desenhos predominantemente horizontais, com uma lógica oposta à de uma “guerra” que realmente possa ser levada a cabo. Antes, sinalizam a contradição, a multiplicidade e a necessidade de seguir adiante. Portanto, estabelecem nova dimensão na dinâmica das relações comunicacionais no momento em que indivíduos ou grupos apropriam-se de suas características e as colocam a serviço de suas próprias conexões comunicativas, culturais e políticas.

Resultado, ainda, dos protestos realizados em junho de 2013 no Brasil, novas experiências no âmbito do discurso jornalístico ganharam espaço na imprensa pelo grau de visibilidade que atingiram. Entre elas, a mais destacada foi a iniciativa do grupo Mídia Ninja (cujo nome significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), ligado ao coletivo Fora do Eixo, com forte atuação na área cultural.

O fato de se posicionar dentro da ação, sem sofrer as represálias que as demais equipes jornalísticas receberam, associadas que foram, no imaginário dos manifestantes, às grandes corporações de comunicação e, portanto, pautadas por interesses políticos e econômicos obscuros, fez com que a Mídia Ninja obtivesse imagens e relatos exclusivos, de um ponto de vista que jornalistas dos *mass media* dificilmente poderiam adotar. Em tempo real, principalmente no Facebook, as reportagens eram transmitidas e recebiam comentários que podiam, inclusive, alterar os rumos da cobertura. Afinal, todos e qualquer um poderiam ser um jornalista do Mídia Ninja e era assim que se sentiam, envolvidos

emocionalmente com os múltiplos relatos.⁹ Mais do que simplesmente ocupar o espaço das redes digitais, assim como o movimento em direção às ruas, a atuação do Mídia Ninja chegou a ocupar algumas edições do telejornal de maior audiência da Rede Globo de Televisão, o Jornal Nacional.¹⁰ Independentemente dos caminhos seguidos pelo grupo, a contribuição que deu para esse momento foi a de permitir a “fruição” de um novo tipo de narrativa jornalística, gerando uma reação emocional de intensidade singular.

Colocado em perspectiva com uma suposta crise que atravessa a prática e o discurso jornalístico, esse episódio, em que se destacam, também, as reações de hostilidade das multidões de manifestantes contra equipes e equipamentos das maiores emissoras de televisão do Brasil, demonstra um certo grau de dissociação entre as aspirações daqueles que, um dia, já foram chamados de “receptores” e seus “emissores” privilegiados.

As indicações de algum abalo nessa estrutura ficaram registradas ao longo de várias manifestações, nas ruas e nas redes, tanto na reação contra representantes das grandes emissoras de TV, jornais e revistas, quanto nas publicações online que, invariavelmente, colocavam em dúvida a forma como as informações eram geradas por esses grupos, tecendo comparações com a cobertura digital independente, que narrava com o olhar de quem estava dentro das manifestações.

⁹ Vários exemplos podem ser acessados em <https://www.facebook.com/midiaNINJA?fref=ts>, especialmente nos relatos postados nos meses de junho e julho/2013. Acesso realizado em 15/04/2014.

¹⁰ Texto publicado em site oficial do JN, reproduzindo reportagem exclusiva colhida pela Mídia Ninja: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/depoimentos-de-pms-contrariam-informacoes-da-policia-sobre-prisao-de-estudante-em-protesto.html>. Acesso realizado em 15/04/2014.



Fig. 3: Página do Mídia Ninja no Facebook, no dia 27/06/2013, durante as manifestações nas redes e nas ruas, mostra o compartilhamento de uma publicação do site Observatório da Imprensa. Em destaque no título, os “pós-jornalistas” e os “pós-espectadores”. In: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_po_s_tespectadores Acesso realizado em 16/04/2014.

Com a leitura dos enunciados acumulados dentro de um recorte temporal, não apenas nas redes sociais digitais, mas em uma narrativa que amarra traduções convertidas para o espaço televisivo, para a imprensa escrita, para blogs noticiosos e outros mais, observamos como o ato de contar histórias é parte importante do processo comunicacional de um grupo. Por isso, não parece exagerado afirmar que as redes sociais digitais se prestam, em grande parte, a reunir as mil e uma narrativas de nossa Ágora pós-moderna.

Às vezes, algumas dessas histórias ganham força própria e destacam-se das demais, talvez por seu caráter arquetípico, talvez, simplesmente, porque seus protagonistas assumem o papel de narradores com disposição e destreza incomuns.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer o caminho de mapeamento e interpretação das narrativas construídas em torno do discurso de três atores sociais em seus perfis mantidos nas redes sociais digitais, levantamos dados, analisamos e estabelecemos relações referentes às dinâmicas comunicacionais, contemplando parte da complexidade desse processo. Foi possível, por

exemplo, identificar o forte componente de construção identitária individual dos três atores, cujas imagens são centrais para manter a coesão nos espaços coletivos estudados. Tal feito é resultado do capital social acumulado por eles, tanto através das respostas de amigos, fãs e seguidores, como pela reverberação de suas ações, opiniões e imagens nos diferentes veículos da indústria midiática, como, ainda, do reconhecimento que recebem de instituições com objetivos diversos, por meio de premiações. Na convergência desses espaços de visibilidade, constroem suas personas públicas, ao mesmo tempo em que são afetados pelas respostas recebidas, capazes de modificar e criar novos padrões para a imagem projetada.

Na análise dos enunciados, entre as múltiplas leituras possíveis, percebemos a tensão existente entre a necessidade de permanecer com laços fortes em suas comunidades originais - responsáveis pelo crescimento inicial da visibilidade dos atores e, em última instância, pela construção de uma parte significativa de suas singularidades - e a pressão por romper fronteiras e aprofundar os laços com outros públicos. Para manter-se em equilíbrio, muitas vezes é necessário omitir-se sobre assuntos macropolíticos.

Percebe-se, ainda, a potência adquirida pelos três jovens atores ao adotar a comunicação como linha de fuga e ao apropriar-se da *techné* específica das redes sociais digitais. A transformação que geraram em suas próprias vidas não se esgotou em si mesma, mostrando a habilidade de criar redes de interação, proteção e compartilhamento de ideias e ações.

Assim, Rene Silva é capaz de organizar grandes ações culturais no Complexo do Alemão, estabelecendo múltiplas conexões entre agentes com as mais diferentes características: representantes oficiais do poder público, artistas, celebridades midiáticas, veículos de comunicação, voluntários da comunidade e da zona sul, representantes de escolas e universidades, entre outros. Enderson Araújo, por sua vez, consegue colocar nas páginas de jornais impressos populares outras leituras das periferias de Salvador, para além da imagem de local de abrigo de criminosos e contraventores. Isadora Faber, por meio da grande visibilidade de seu Diário de Classe, transforma o cenário da escola pública que

frequentou, além de interferir em temas abrangentes relacionados à Educação. São resultados expressivos e que colocam esses jovens em posições de exercício de uma influência incomum. Autoridades com anos de atuação na vida pública buscaram, em certas ocasiões, aproximar-se dessas jovens personas, não apenas a fim de serem ouvidas por um público específico, mas em um esforço por “colar” sua imagem às deles. Parece significativo, justamente, que o capital social seja desenvolvido por atores com essas características específicas.

Percebemos, ainda, a força das dinâmicas que envolvem a retroalimentação entre redes digitais e indústria midiática, em sucessivas apropriações e reapropriações das imagens e narrativas dos três atores. Há uma constante reconstrução de suas histórias e ações, elegendo elementos capazes de dialogar com o discurso midiático específico de cada veículo, com a disposição de propagar seus feitos como exemplos de um modelo de juventude desejável. Nas entrevistas e contatos que realizamos com esses jovens, na seleção e análise dos enunciados publicados em suas páginas nas redes do Facebook e Twitter, em comparação com as narrativas recriadas pela indústria midiática e posteriormente repercutidas novamente nos perfis e fanpages das redes digitais, pudemos perceber o movimento de retroalimentação constante. Se realmente se tornam combustível para as máquinas midiáticas, nossos atores, em contrapartida, não cessam de agir e reagir, num processo de ressignificação, utilizando-se também das produções recriadas por elas, alimentando suas personas públicas com tais narrativas.

Por fim, parece correta a classificação das plataformas digitais de redes sociais como dispositivos privilegiados na sociedade de controle, plenamente identificados com as características da pós-modernidade, especialmente no caso do Facebook e Twitter, grandes aglutinadores de enunciados produzidos por ativistas isolados ou alocados em coletivos, sempre buscando a propagação de suas causas, ações e opiniões. A vigilância que é exercida nesses ambientes não está restrita ao domínio e acesso total das corporações proprietárias aos dados compartilhados - no caso apenas do Facebook, por mais de 1 bilhão de pessoas no mundo (marca que atingiu em 2012). Boa parte do controle é exercida pelos grupos, amigos, seguidores e fãs, ou seja, pela própria rede. Aqueles que atingem a notoriedade

nesses ambientes devem cuidar para não cair em contradições, não se distanciar das origens e não se aliar com grupos e/ou pessoas vistas como atuantes em campos opostos.

Paradoxalmente, ainda que esse conflito insolúvel esteja presente o tempo todo, as forças múltiplas que se movem nessas redes são capazes de se reaglutinar e se recompor, criando oportunidades de fuga. O uso que se faz delas é capaz de gerar sentidos originais, criativos e transformadores, especialmente quando baseado em experiências vividas, em processos comunicacionais efetivamente dinâmicos, que envolvem riscos e afetos, como pudemos observar em nossos estudos de caso que, de resto, continuam ativos em seus embates cotidianos, narrando histórias, mudando as próprias vidas e interferindo no sentido de muitas outras.

Como perspectivas para maior reflexão, acreditamos ser importante estudar os novos caminhos para o discurso jornalístico. Olhar para as necessidades reais das pessoas que buscam contar suas histórias e as de seus grupos pode ajudar a construir novos modelos. No momento em que as narrativas surgem de qualquer lugar, mostrando ângulos diferentes de uma mesma questão, e conseguem encontrar o suporte para serem lidas e compartilhadas, a qualidade e a complexidade do que é produzido devem ser multiplicadas, a fim de que tais práticas mantenham a relevância que já tiveram.

Também decorre desse tema a questão do tensionamento entre os formatos profissionais de produzir relatos jornalísticos e os relatos produzidos por não-jornalistas. Cabe perceber que a convivência entre esses dois tipos de produção é cada vez mais presente nas redes sociais digitais, trazendo à tona novos debates.

Recentemente, no caso do garoto Eduardo de Jesus¹¹, de 10 anos, morto no Complexo do Alemão durante uma ação policial, no início do mês de abril de 2015, houve uma mudança no rumo das investigações. Graças à disseminação do relato produzido por pessoas comuns que presenciaram as cenas, não apenas "nas" redes, mas através delas (no sentido de realmente atravessá-las, transversalmente), foram estabelecidas possibilidades

¹¹ Notícia veiculada no dia 09/04/2015, pelo jornal O Globo: <http://g1.globo.com/hora1/noticia/2015/04/tiro-que-matou-garoto-no-complexo-do-alemao-no-rj-saiu-de-um-fuzil.html> . Acesso realizado em 30/04/2015.

dinâmicas de compartilhamento de informação. A grande repercussão digital permitiu que o fato se impusesse como relevante aos outros ambientes midiáticos, levando a uma apuração um pouco mais atenta das autoridades.

A partir desse resultado, seria correto supor a superioridade do relato realizado por não-jornalistas ou imaginar que esse tipo de enunciado garantiria maior veracidade? Ultrapassando as barreiras das discussões que apenas se ocupam em opor dois lados, partindo do pressuposto de que a primazia de um negaria a possibilidade de existência do outro, parece claro que essa é uma premissa sem força para se sustentar.

A simultaneidade dessas e de tantas outras formas de expressar a realidade, sempre complexa e multifacetada, é algo desejável e que permite a reflexão sobre responsabilidades, alcance e limites de cada uma. A nós, profissionais, estudiosos e cidadãos, resta manter a visão crítica, baseada na prática de construir a opinião com múltiplas fontes.

Vivemos um momento de grande desafio para os jornalistas e de uma inspiradora oportunidade de reinvenção.

5. REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. 1 Artes de fazer.** Edição 19. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 (volume I).** Les Editions de . Minuit, Paris, 1980. São Paulo, SP: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **O Anti-Édipo.** Capitalismo e esquizofrenia. Les Editions de . Minuit, Paris, 1972/1973. Rio de Janeiro: Imago, 1976. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault.** São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Cinco textos e uma entrevista de Gilles Deleuze. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro. Lisboa: Editora Vega, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1989

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Biopolítica**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade III**. O cuidado de si. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

GALLOWAY, Alexander R.. **Protocol: how control exists after decentralization**. Cambridge: MIT, 2004.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica. Cartografias do Desejo**. São Paulo: Vozes, 1986

HARDT M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001.

HARVEY, David e col. **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. "Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si". In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M.H.M.B. **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

LEÃO, Lúcia. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005

LEÃO, Lúcia. (Org.). **O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed.34, 1996.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MARICATO, Ermínia e col. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORIN, Edgar. **O método 4**. As ideias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PRADO, José Luiz Aídar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Sergio Amadeu; MARQUES, Angela; COSTA, Caio Túlio e col. **Esfera Pública, Redes e Jornalismo**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

VANEIGEM, Raoul & NICHOLSON-SMITH, D. (trad.). **The revolution of everyday life**. Oakland: PM Press, 2012.

WELLMAN, Barry. “Digitizing Ozimandias”, artigo disponível em: <http://networked.pewinternet.org/2013/01/22/digitizing-ozymandias/> . Acesso realizado em 14/05/2014.

WELLMAN, Barry; RAINIE, Lee; HERRIGAN, John; BOASE, Jeffrey. “The Strength of Internet Ties”, artigo disponível em: <http://www.pewinternet.org/2006/01/25/the-strength-of-internet-ties/> . Acesso realizado em 14/05/2014.

WELLMAN, Barry; QUAN-HAASE, Anabel; BOASE, Jeffrey; CHEN, Wenhong; e col. "The Social Affordances of the Internet for Networked", art. disponível em: <http://www.mysocialnetwork.net/downloads/offprint/The%20Social%20Affordances%20of%20the%20Internet%202003%20.pdf> . Acesso realizado em 14/05/2014.

ZIELINSKI, Siegfried. **Arqueologia da Mídia**: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume, 2006.

ZIELINSKI, Siegfried and Eckhard Furlus (Editors). **Variantology 5 – Neapolitan Affairs. On Deep Time Relations of Arts, Sciences and Technologies**. Cologne: Verlag der Buchhandlung Walther Koenig, 2011.